

Análise d'O anti-Édipo: Críticas de Deleuze e Guattari a Sigmund Freud

Analysis of the *anti-Oedipus*:
Criticism from Deleuze and Guattari to Sigmund Freud

Análisis del *Anti-Edipo*:
Críticas de Deleuze y Guattari a Sigmund Freud

Analyse de l'Anti-Œdipe:
Critique de Deleuze et Guattari a Sigmund Freud

Rafael Leopoldo *

Contato: ralasfer@gmail.com

Resumo

Este artigo é uma breve análise do livro O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, com foco em 5 pontos: 1) o livro máquina; 2) a psiquiatria e a psicanálise; 3) a crítica ao desejo; 4) a crítica ao inconsciente; 5) e a centralidade do complexo de Édipo. Esta análise tem como objetivo reafirmar o diálogo dos filósofos com a psicanálise, principalmente, com a psicanálise freudiana. Reatar este diálogo é apontar a importância da filosofia como um saber que muitas vezes se mostra crítico à psicanálise. Porém, não acreditamos que O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia seja um “adeus” à psicanálise, como apontado pelos autores. A obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari nos parece mais um indutor de um diálogo que ainda não foi levado às suas últimas consequências; a filosofia sendo interpelada pela psicanálise e a psicanálise sendo interpelada pela filosofia de forma produtiva.

Palavras-chave: *esquizoanálise; inconsciente; complexo de Édipo.*

Abstract

This paper is a brief and precise analysis of the book Anti-Oedipus: capitalism and schizophrenia, by Gilles Deleuze and Félix Guattari. Therefore, we focus on five topics: 1) the book machine; 2) psychiatry and psychoanalysis; 3) the critique of desire; 4) critique of unconscious; 5) and the centrality of the Oedipus complex. This investigation has as main to reaffirm the dialogue of philosophers with psychoanalysis, especially the Freudian psychoanalysis. Reopen this dialogue is appoint the importance of philosophy as a knowing that so many times show himself as critique of psychoanalysis. Thus, we do not believe that Anti-Oedipus: capitalism and schizophrenia is just “a farewell to psychoanalysis”. The work by Gilles Deleuze and Félix Guattari seems to us an inductor for a dialogue that has

**Mestre em Filosofia, pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Mestre em Psicologia, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor de Filosofia, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.*

Como citar: Leopoldo, Rafael (2017) *Análise d'O anti-Édipo: Críticas de Deleuze e Guattari a Sigmund Freud. Psicologia Política*, 17(39), p. 293-303.

not yet taken its final consequences; philosophy being challenged by psychoanalysis; and psychoanalysis being challenged by the philosophy in a productive way.

Keywords: *schizoanalysis; unconscious; Oedipus complex.*

Resumen

Este artículo es un breve y preciso análisis del libro Anti-Edipo: capitalismo y esquizofrenia, de Gilles Deleuze y Félix Guattari. Cinco puntos han sido enfatizados: 1) el libro máquina; 2) la psiquiatría y el psicoanálisis; 3) la crítica del concepto de deseo; 4) la crítica del inconsciente; 5) la centralidad del complejo de Edipo. Este análisis tiene como principal objetivo especificar el modo del diálogo de los filósofos con el psicoanálisis, especialmente con el psicoanálisis freudiano y reafirmar algunos de sus aspectos principales. Hacer nuevamente esa conexión es apuntar la importancia de la filosofía como un saber que muchas veces se hace crítico al saber del psicoanálisis. Así, no creemos que Anti-Edipo: capitalismo y esquizofrenia sea, solamente, un “adiós” a psicoanálisis. La obra de Gilles Deleuze y Félix Guattari parece a nosotros más un inductor de un diálogo que aún no fue tomado hasta las últimas consecuencias; la filosofía siendo cuestionada por la psicoanálisis y la psicoanálisis siendo cuestionada por la filosofía de una manera productiva.

Palabra-clave: *esquizoanálisis; inconsciente; complejo de Edipo.*

Résumé

Cet article est une simple analyse du livre L'Anti-Œdipe: capitalisme et schizophrénie, de Gilles Deleuze et Felix Guattari, qui se concentre sur 5 points: 1) le livre machine; 2) la psychiatrie et la psychanalyse; 3) la critique du désir; 4) la critique de l'inconscient; 5) la centralité du complexe d'Œdipe. Le but de cette analyse est de réaffirmer l'existence d'un dialogue entre les philosophes et la psychanalyse, la freudienne surtout. Renouer ce dialogue signifie indiquer l'importance de la philosophie comme un savoir qui déploie, souvent, des points de vue critiques vers la psychanalyse. Pourtant, nous ne croyons pas que L'Anti-Œdipe: capitalisme et schizophrénie soit un “adieu” à la psychanalyse, comme indiquent les auteurs. L'ouvrage de Gilles Deleuze et Félix Guattari nous semble plutôt un inducteur d'un dialogue qui n'a pas encore été poussé aux dernières conséquences; la philosophie est, donc, interrogée par la psychanalyse et la psychanalyse y est, donc, interrogée par la philosophie de manière productive.

Mots clés: *schizo-analyse; inconscient; complexe d'Œdipe.*

“O anti-Édipo” como um livro-maquínico

Os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari têm uma instigante compreensão do que são os livros – e suas possíveis implicações com o social. Ambos entendem o livro como uma máquina, uma maquinaria literária. Encontramos nestes autores um livro-maquínico, acoplado a outras máquinas. O livro, por sua vez, pode ser entendido de duas formas: o livro-árvore e o livro-rizoma. O primeiro é uma estrutura arborescente; o segundo, uma conexão rizomática.

Os filósofos apresentam o conceito de rizoma, levando-nos ao problema dos livros. Este “problema” perpassa três momentos: 1) o entendimento do livro como um agenciamento (associações de elementos dispersos); 2) a classificação do livro como raiz que é, também, o livro-árvore; 3) e o livro rizoma, a grama, no qual a raiz abortou. Neste momento, há dois tipos de livros: o que diz o Uno e o que diz o Múltiplo.

O primeiro tipo de livro, o arborescente, tem uma necessidade de voltar-se ao Uno; nele não existe a compreensão do múltiplo. O segundo tipo de livro, o rizomático, é aquele em que a raiz principal está morta. Temos aqui as conexões e toda a questão da multiplicidade. No âmbito da literatura, os filósofos citam James Joyce como quem quebra efetivamente a unidade da língua no romance. No caso da filosofia, é citado Friedrich Nietzsche e seus aforismos, como ruptura de uma unidade linear na construção filosófica.

O livro-maquínico existiria apenas pelo fora e no fora. Recordemos dos livros de Michel Foucault, que entende o livro como uma ferramenta. Como exemplo, teríamos os livros Vigiar e punir (2009) e História da loucura (2012). São obras que remetem a um fora, além de fazer outros agenciamentos. Pensando no Vigiar e punir, notamos que há uma conexão com a academia e, além disso, com os prisioneiros, a polícia, o sistema correcional etc. A História da loucura, por sua vez, transforma-se num livro sem autor, e suas relações se prolongam na luta antimanicomial em diversos países. A História da loucura funciona de forma maquinaica, desta maneira: “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (Deleuze & Guattari, 1995, p. 19).

Relacionamos o livro-máquina com o livro-ferramenta – quando necessário, o livro como fogos de artifício ou como coquetel molotov –; a filosofia deleuzo-guattariana com a filosofia foucaultiana. Diante desta conexão, salientamos o ponto em que Deleuze e Guattari avançam com relação à perspectiva de Foucault – pensando na questão da psicanálise –, para então, adentrarmos na crítica interna à Freud sobre o desejo. Este ponto é a compreensão da relação da psiquiatria com a psicanálise e de ambas com o capitalismo. A primeira atava o louco no asilo; a segunda, coloca o louco amoradado no complexo familiar.

É ainda necessário modular a própria obra freudiana e concebê-la, também, como um livro-máquina, como uma obra-rizoma. Seria injusto com a obra freudiana não salientar sua constante revisão. Sabemos que, na obra freudiana, existe a todo momento um Freud contra Freud. Esta relação tensa do autor com a sua própria obra levará, por exemplo, às múltiplas escolas psicanalíticas. Deste modo, podemos compreender a obra freudiana como um rizoma que gerou ainda mais aberturas. A obra freudiana nos leva tanto para arcaísmos quanto para elementos mais progressivos. Este efeito se dá, sobretudo, porque Freud produziu grandes cartografias. Trata-se, deste modo, de livros como o Projeto para uma psicologia científica e suas linhas entrelaçadas à neurologia, mas, também, o seu uso da história, da antropologia, da arte e da estética. A obra freudiana nem sequer poderia ser chamada de arborescente – com uma única raiz – devido a tantas rupturas. Freud produz rizoma mesmo que escolas de pensamento vejam ali tão-somente raízes. Para compreendermos este devir da obra freudiana temos como exemplo o feminismo e a teoria queer; ambos têm uma relação complexa com o pai da psicanálise e, principalmente, com as escolas lacanianas (ver, por exemplo, Sáez, 2004; Sáez e Carrascosa, 2017; Leopoldo, 2017).

A psicanálise como sistema repressivo: a psiquiatria e a psicanálise

A respeito da psicanálise como sistema repressivo, a afirmação que é posta várias vezes n' O anti-Édipo é que Foucault compreende a relação que acontece entre a loucura e a família, na medida em que envolve a loucura num “complexo parental”. Desta maneira, a psicanálise não inovaria, mas, sim, completaria o que a psiquiatria do século 19 havia começado. Trata-se de uma moralização e uma patologização da doença. Sobre essa questão, Javier Sáez afirma o seguinte:

Um dos grandes paradoxos da história da psicanálise é que as instituições psicanalíticas se desenvolveram em direção oposta ao potencial crítico que se encontrava na abordagem freudiana. Da clínica institucional freudiana derivo uma prática e uma teorização cada vez mais moralizante, heterocentrada e normalizadora, que produziu um rechaço e uma crítica cada vez maior por parte dos coletivos gays e lesbianos em todo o mundo. (...) Depois da morte de Freud, em 1939, se impõe uma forma de psicanálise cada vez menos relacionada com os conceitos originais de Freud. Muitos psicanalistas norte-americanos aderiram às teses de Adler, que rechaçam as posições de Freud sobre o inconsciente e a homossexualidade. Deste modo, a psicanálise se converteu nos anos 50 em uma espécie de prática médica que recuperava o conteúdo psiquiátrico que o próprio Freud havia rechaçado cada vez mais ao longo de sua obra. Esta visão conservadora da psicanálise vai promover a ideia de uma sexualidade normal – a heterossexual – e a possibilidade de “curar” os homossexuais (Sáez, 2004, p. 38-39).

No próprio desenvolvimento histórico encontraríamos a vinculação para uma psicanálise repressiva; todavia, é necessário enfatizar que na obra freudiana já encontramos elementos reacionários que podem e são maximizados por diversas escolas. Deleuze e Guattari escrevem o seguinte a respeito de uma relação conservadora da psicanálise:

Foucault, portanto, tinha inteiramente razão quando dizia que a psicanálise, de uma certa maneira, cumpria aquilo a que se propusera, com Pinel e Tuke, a psiquiatria asilar do século XIX: soldar a loucura a um complexo parental, ligá-la “à dialética meio-real, meio-imaginária da família” — constituir um microcosmo no qual se simbolizam “as grandes estruturas maciças da sociedade burguesa e de seus valores”, Família-Crianças, Falta-Castigo, Loucura-Desordem — fazer com que a desalienação passe pelo mesmo caminho que a alienação, Édipo nas duas extremidades, fundar assim a autoridade moral do médico como Pai e Juiz, Família e Lei — e chegar por fim ao seguinte paradoxo: “Enquanto o doente mental está inteiramente alienado na pessoa real do seu médico, o médico dissipa a realidade da doença mental no conceito crítico de loucura”. Páginas luminosas. Acrescentemos que, ao envolver a doença num complexo familiar interior ao paciente, e ao envolver, de pois, esse próprio complexo familiar na transferência ou na relação paciente-médico, a psicanálise freudiana fazia da família um certo uso intensivo (Deleuze & Guattari, 2010, p. 128-129).

Em outro momento d' O anti-Édipo, os autores colocam que “o familismo inerente à psicanálise destruiu menos a psiquiatria clássica do que a coroou. Depois do louco da terra e do louco do despota, o louco da família; o que a psiquiatria do século XIX pretendia organizar no asilo — ‘a ficção imperativa da família’, a razão-pai e o louco-menor, os pais são doentes tão só de sua própria infância — tudo isto encontra seu acabamento fora do asilo, na psicanálise e no consultório doanalista” (Deleuze & Guattari, 2010, p.359-360). Desta forma, a crítica à psicanálise, em direção a um desejo que é atado nas coordenadas familiares, torna-se ainda mais forte, tendo em vista que a obra freudiana perde muito do seu matiz revolucionário e ganha outros contornos: quando olhamos a história e quando olhamos os elementos internos da própria obra.

Se Foucault havia feito a crítica dos ambientes fechados como, por exemplo, as prisões, as escolas, os asilos, os hospitais etc.; Deleuze faz uma crítica dos sistemas abertos – e a psicanálise seria um deles, conforme o seguinte comentário de Deleuze no livro A ilha deserta: “ataca-se a psiquiatria, o hospital psiquiátrico, mas a psicanálise parece intocável, não comprometida. Tentamos mostrar que a psicanálise é pior do que o hospital, precisamente porque funciona em todos os poros da sociedade capitalista e não em locais especiais de enclausuramento. E que é profundamente reacionária na sua prática e na sua teoria e não só na sua ideologia” (Deleuze, 2010, p. 281). A psicanálise, perpassando hoje diversas localidades, ela estaria a céu aberto e em todos os poros da sociedade capitalista¹.

N'O anti-Édipo há esta conexão entre a psiquiatria e a psicanálise, e encontramos uma relação de ambas com o capitalismo. Colocar que a própria psicanálise contribui para uma forma de subjetivação capitalista é trazer a psicanálise ao seu ponto de autocrítica. É necessário entender que a relação de Deleuze e Guattari com a psicanálise é detensão; uma relação que vibra a todo momento. Esta relação não é apenas uma mera negação. Para os filósofos, Freud chega a trair algumas de suas próprias descobertas, de modo ser necessário, às vezes, ser freudiano contra Freud. No entendimento de Deleuze e Guattari, a libido seria um destas descobertas, porque livre de formas determinadas e abstrata, fluindo para fazer uso legítimo das sínteses do inconsciente. Porém, o pai da psicanálise coloca o desejo como pré-determinado e seus objetos como o pai e a mãe. Inaugura-se o complexo de Édipo. O desejo é então segregado.

A psicanálise como sistema repressivo: a crítica ao desejo

O anti-Édipo é uma obra de grande importância no que diz respeito à construção filosófica do conceito de desejo. Deleuze e Guattari produzem um conceito de desejo radicalmente diferente da noção psicanalítica. A crítica de Deleuze e Guattari nos leva não somente a Freud, mas, sobretudo, ao psicanalista Lacan e, de forma menos enfática, a Melanie Klein, talvez porque o desejo como falta (e, também, entendido de forma moral) apareça mais em Lacan que em Freud. Lacan atrela seu conceito de desejo à filosofia de Hegel e, do filósofo alemão, toma o tema da negatividade e a questão do outro. Já a construção do conceito de desejo em Freud é alheia ao ambiente filosófico e acontece no ambiente da neurologia, na construção do Projeto para uma psicologia científica, para só depois adentrar na Interpretação dos sonhos. Este é um elemento que deve ser destacado, porque Freud nos parece mais deleuzo-guattariano que Lacan (ver, ademais, Buchanan, 2008; Dosse, 2010). Entendemos em Freud até mesmo uma dimensão produtiva do desejo, no sentido de que os sonhos são uma intensa e maravilhosa produção estética.

A crítica profunda que compreendemos como dirigida a Freud é que a noção de desejo, mesmo que escape do ambiente neurológico, relaciona-se a uma concepção de prazer². O desejo em Freud é definido como uma tendência a ocupar uma representação de objeto, e a realização do desejo seria a ocupação dessa representação. O desejo é a replicação da experiência de satisfação. Trata-se de uma experiência de prazer, mas a experiência de prazer é uma falsa imanência, uma ilusão, posto que o desejo se acalma por um momento e volta novamente, e novamente, e novamente... desta maneira, há um resto, um impossível, o inencontrável do desejo. A verdadeira satisfação estaria sempre adiada.

Ainda na teoria freudiana, o prazer aparece como uma descarga de energia, uma forma de se livrar de determinada tensão: o se libertar desta tensão é o prazer. Para Deleuze e Guattari, tal elaboração é um conceito pobre de prazer. O que nos leva a reafirmar que a “ideologia psicanalítica da fal-

¹ É interessante observar que os mesmos termos que Deleuze usa para caracterizar a Sociedade de Controle são retomados para pontuar como a psicanálise se espalha pelo social. A psicanálise neste sentido é quase um correlato de um controle que se reconfigura após a Sociedade Disciplinar (para uma análise da passagem da Sociedade Disciplinar para a Sociedade do Controle ver, por exemplo, Leopoldo 2015).

² Diante da complexidade destes dois conceitos – prazer e desejo – na própria obra freudiana fazemos uma referência mais generalizada e não genealógica, assim sendo, enfatizamos o ambiente neurológico da formação de Freud e o ambiente filosófico da formação de Lacan, o primeiro dando ênfase ao prazer e o segundo ao desejo.

ta, apoiada numa tradição filosófica, pode ser resumida em três axiomas: 1. Sentirás falta a cada vez que desejares. 2. Esperarás apenas descargas. 3. Perseguirás o impossível do gozo” (David-Ménard, 2014, p. 55. Destaque nosso).

A obra O anti-Édipo não surge por geração espontânea após os eventos de 1968 (Ferry, 1988; David-Ménard, 2014; Rodrigues, 2005). Tanto Deleuze quanto Guattari, cada um a seu modo, tinham as suas relações e críticas à psicanálise. Tem-se um longo caminho até o díptico ser escrito. A respeito do desejo e do prazer na obra deleuziana, voltamos tanto para o livro Apresentação de Sacher Masoch, de 1965, quanto para o texto Diferença e repetição, de 1968. Aqui, o intuito não é entrarmos nestas obras, mas dizer que Deleuze “censura Freud por não dar nenhum lugar à ideia de que o prazer possa se ocupar de uma busca, de uma tensão, de uma procura. Ele toma como contraponto a erótica chinesa, que difere indefinidamente o orgasmo, sendo o prazer a arte de retardar que traça ela própria seu caminho – tal é a imanência” (David-Ménard, 2014, p. 55). Quando se coloca o desejo relacionado ao prazer e se entende este prazer como finalidade última que, por sua vez, preencheria a falta de um objeto (um termo transcendente), sempre haveria um resto, uma impossibilidade. Trata-se, neste momento, do paralogismo da extrapolação onde um termo de uma série é destacado, de tal modo que se injeta a falta dentro do desejo.

O inconsciente personológico e o inconsciente maquínico

O anti-Édipo é gestado por uma prática psiquiátrica, psicanalítica e filosófica. Sobre os dois primeiros pontos, a fonte maior é Guattari; a respeito do último, Deleuze (ver, por exemplo, Dosse, 2010), mas há um filósofo em Guattari e um psiquiatra em Deleuze e o interessante é ver os revezamentos. De qualquer forma, repetimos este dado para entendermos que a psicanálise está em jogo, mas com o foco na psicose e não na neurose. Guattari estuda principalmente a psicose, e é com este olhar que se volta para a obra de Freud. Freud, por sua vez, desenvolveu a maioria dos seus conceitos diante das neuroses, principalmente, da histeria. Guattari afirma, sobre Freud, o seguinte, em uma entrevista juntamente com Deleuze, na obra A ilha deserta:

O próprio Freud reclamava no fim de sua vida de não ter podido dispor de um outro campo, de não ter tido outra maneira de se aproximar da psicose. Ele só pôde abordar os psicóticos por mero acidente e do exterior. É preciso acrescentar que, no quadro dos sistemas repressivos de hospitalização, não se tem acesso à esquizofrenia. Tem-se acesso a loucos que se encontram no interior de um sistema tal que os impede de exprimir a própria essência da loucura. Eles só exprimem uma reação à repressão da qual são objeto e que são obrigados a sofrer. O resultado é que a psicanálise é praticamente impossível no caso das psicoses (Deleuze, 2010, p. 297).

Guattari encontra em La Borde³ (ver Rodrigues, 2005) o lugar onde era possível ter outra compreensão da psicose. La Borde foi o lugar possível da psicose “mostrar o seu verdadeiro rosto, que não é o da estranheza e da violência, como tão frequentemente ainda se acredita, mas o de uma relação diferente com o mundo” (Guattari, 2012, p. 160). Esta relação de Guattari com a psicose é importante, porque o coloca num ponto crítico em relação a Freud; e, ademais, demarca um espaço, pois a obra lacaniana está mais próxima da psicose do que a obra freudiana. Porém, a crítica deleuzo-guattariana sempre vai em direção a Freud e Lacan, mesmo que a obra lacaniana possa ser compreendida e encerrada nela mesma.

É possível colocarmos um exemplo de como a crítica deleuzo-guattariana abarca ambos os

³ La Borde é uma clínica psiquiátrica fundada em 1953 na França por Jean Oury, e é onde estabelece as bases para a “psicoterapia institucional”. Guattari é convidado a trabalhar em La Borde por Jean Oury onde passa a ganhar experiência na clínica a partir de 1955.

psicanalistas. Deleuze nos apresenta a questão da cura e da análise terminável e interminável. Este seria um dos problemas que Freud se colocou no final de sua vida e viu, de acordo com Deleuze, que alguma coisa não ia bem com a psicanálise. Para Deleuze “a cura se tornou um processo interminável em que tanto o paciente quanto o médico giravam num círculo que, no final das contas, quaisquer que fossem as modificações trazidas, restava ainda um círculo edípiano, como que dizendo ‘vamos, fale...’, como se se tratasse sempre, então, do pai e da mãe” (Deleuze, 2010, p. 297). É claro que este eixo edípiano nos remete ao complexo de Édipo tal como Freud nos apresenta, mas, também, os autores falam do Édipo lacaniano que se torna função-pai e função-mãe; o que, para os autores, somente daria uma maior universalidade ao complexo freudiano, não diferenciando essencialmente da perspectiva freudiana.

O mesmo acontece com o problema do inconsciente. Freud e Lacan são questionados, ambos em suas próprias características. E não somente os autores com os seus textos *consagrados*, mas a prática psicanalítica, enquanto tal, é colocada em questão. Se voltamos ao texto de Freud, e, ainda, de Deleuze e Guattari, é também por pensarmos que estes textos ainda subsidiam determinadas práticas de uma variedade de correntes psicanalíticas. Pensar estas correntes no contexto d’O anti-Édipo é importante, porque a crítica deleuzo-guattariana vai no lugar ossificado pelos analistas (no texto e na prática). A crítica deleuzo-guattariana no movimento da obra de Freud, aponta para o momento estratificado pelos psicanalistas. Daí a crítica ao inconsciente ser uma crítica ao inconsciente personológico, à triangulação edípiana, posto que este é o local que o desejo se torna desejo de papai e mamãe, mas que na prática analítica parece ser tomado com maior fervor e simplicidade. O conceito de inconsciente de Freud perpassa toda a sua obra, mas é com a elaboração do complexo de Édipo que há uma verdadeira triangulação. Vemos a crítica deleuzo-guattariana à obra tardia de Freud, principalmente, pensando no texto *O eu e o id* (2011). Mostrar este elemento é colocar em questão que a elaboração do inconsciente em Freud tem muito mais variações do que aparece na análise dos filósofos, ao menos, o núcleo da análise exposta n’O anti-Édipo.

Se colocamos que a análise dos filósofos se restringe a um determinado período da psicanálise na obra *O anti-Édipo*⁴, lembramos que Guattari vê um problema de reducionismo desde o nascimento da psicanálise. Para Guattari, em Freud haveria duas tendências, uma científico-reducionista e outra que estaria no âmbito da construção de um dispositivo psíquico, para uma cartografia que ficaria engavetada pelo autor. Para Guattari, na obra o Projeto, haveria estas duas tendências. Uma reducionista e uma cartografia de formações do inconsciente, uma produção teórica e o livro engavetado. Pensamos que chamar a ciência de “científico-reducionista” é uma redundância, pois a ciência trabalha via redução. Ela focaliza um objeto determinado para compreendê-lo. Porém, isso não priva Guattari do seu esforço intelectual de tentar se livrar deste reducionismo por via de um paradigma estético, e confronta a psicanálise com outras formas possíveis de renovação. Na obra Caosmose: um novo paradigma estético, de Guattari, o autor elabora possibilidades para a psicanálise. Poderíamos chamar de linhas de fuga para uma prática então estratificada. Uma destas linhas é o próprio paradigma estético e a saída de tal reducionismo-científico. Haveria alguns conceitos que perderiam a intensidade no decorrer da obra de Freud e um deles é o de inconsciente, principalmente, na sua segunda tópica. Com este aspecto, pensamos não somente em um reducionismo metodológico na obra freudiana, mas, sim, em uma simplificação da sua conceituação. O inconsciente personológico perderia em complexidade e em vitalidade. Todavia, os autores não deixam de salientar outras potencialidades da obra freudiana como, por exemplo, o inconsciente produtivo (sobre uma estratificação do saber psicanalítico no capitalismo ver Leopoldo 2016).

Para Deleuze e Guattari, o pai da psicanálise descobriu o inconsciente, o domínio das sínteses

⁴ Trata-se do livro O anti-Édipo, ainda que a problemática a respeito do inconsciente possa ser vista durante grande parte da obra de Deleuze e de Guattari. Para citarmos somente duas obras em que o inconsciente é trabalhado em grande extensão pelos autores, relembramos o texto Diferença e repetição, de Deleuze que mostra outras sínteses distintas d’O Anti-Édipo; e em relação a Guattari temos a obra O inconsciente maquínico. Em outras obras, a temática do inconsciente é abordada, porém, de forma mais indireta.

livres, onde tudo seria possível, as infinitas conexões, os agenciamentos, os objetos parciais, os fluxos etc. Compreendemos que “em outras palavras, a psicanálise *era* uma forma de esquizoanálise, mas ela foi para o caminho errado” (Buchanan, 2008, p. 32. Destaque do autor). Nas palavras de Deleuze e Guattari, com a psicanálise se passa o mesmo que com a revolução russa, porque nunca se sabe quando tudo começou a ir mal:

Com os americanos? Com a primeira Internacional? Com o Comitê secreto? Com as primeiras rupturas que marcam tanto a renúncia de Freud como as traições dos que rompem com ele? Com o próprio Freud, desde a “descoberta” de Édipo? Édipo é a reviravolta idealista. No entanto, não podemos dizer que a psicanálise tenha optado por ignorar a produção desejante. As noções fundamentais de economia do desejo, trabalho e investimento, conservam sua importância, mas subordinadas às formas de um inconsciente expressivo e não mais às formações do inconsciente produtivo. A natureza anedipiana da produção de desejo permanece, mas assentada sobre as coordenadas de Édipo que a traduzem em “pré-edipiana”, em “paraedipiana”, em “quase-edipiana” etc. As máquinas desejantes estão sempre aí, mas só funcionam atrás das paredes do consultório. Atrás do muro ou nos bastidores, é este o lugar que o fantasma originário concede às máquinas desejantes quando ele tudo assenta sobre a cena edipiana. Nem por isso elas deixam de fazer uma algazarra infernal, a tal ponto que o próprio psicanalista não pode ignorá-las, mas sua atitude é, sobretudo, de denegação: sim, tudo isso é verdade, mas, apesar disso, não deixa de ser papai-mamãe. Está escrito no frontão do consultório: deixa tuas máquinas desejantes à porta, abandona as tuas máquinas órfãs e celibatárias, teu gravador e teu pequeno velocípede, entra e deixa-te edipianizar (Deleuze & Guattari, 2010, p. 77-78).

Temos neste fragmento alguns elementos importantes, como vários pontos em que a psicanálise parece tomar um caminho errado, por exemplo, a supressão de um inconsciente produtivo (maquínico) por um inconsciente expressivo (personológico), e a ideia de que os psicanalistas (também na prática) continuam forçando uma edipianização.

Diante dos elementos acima, convém perguntar se a proposta deleuzo-guattariana é somente uma retomada de um período anterior à elaboração do inconsciente, tal como n’O eu e o id; e, diante disso, uma valorização extrema do id ou, ainda, se teríamos alguns pontos distintos. Desde o primeiro parágrafo d’O anti-Édipo o id aparece. Os autores dizem que isso funciona, isso respira, isso come, isso caga, isso fode. Então dizem que somente existem máquinas desejantes. Porém, o isso deleuzo-guattariano não é uma mera apropriação do id freudiano. Ian Buchanan afirma que a “produção desejante não pode ser igualada ao id, apesar da aparente similaridade, porque a definição de Freud do id não tem acesso a realidade, a não ser que seja por meio da conexão do Eu, pelo que Freud chama de sistema de percepção consciente, o que é inconsistente com o que Deleuze e Guattari dizem sobre a função das máquinas” (Buchanan, 2008, p. 28). A mesma psicanálise que descobriu o inconsciente o forçaria a falar em uma linguagem de mitos, de fantasias, enquanto as máquinas agenciam na realidade. O problema seria que Édipo se apropriou da produção desejante fazendo com que os sonhos, os sintomas, os delírios fossem edipianos.

A centralidade do complexo de Édipo

Quando Deleuze e Guattari escrevem sobre o capitalismo, vemos as bodas do capitalismo com Édipo, porque é exatamente na máquina civilizada que Deleuze e Guattari entendem a chegada de Édipo, tal como Freud o encontra na autoanálise e na clínica. Mas é necessário colocar que os autores salientam que o consultório é a última territorialidade do Édipo, exatamente o contrário do que se pensa comumente, a de que Édipo teria sido criado/encontrado na clínica.

Na máquina civilizada, a criação da nova-nova filiação e da nova-nova aliança, e o corpo pleno se torna o capital, um novo socius. O capital e o seu poder de subjetivação, o cinismo da máquina, e a sua lógica de axiomatização. O movimento da descodificação, da esquizofrenização e os seus limites. A respeito destes limites nos lembramos do limite interior, quando o capital delega para a família a formação de sujeitos. A produção humana torna-se segregada da produção social, porque ela acontece devido ao capital. O indivíduo se torna uma função derivativa do capital e, o pai, a mãe e o filho seriam simulacros do capital. Édipo, então, na perspectiva deleuzo-guattariana, é uma territorialidade íntima e privada do capitalismo em seu esforço de reterritorialização do capitalismo, da reprodução de suas imagens em seus diversos graus.

Contudo, no desenvolvimento da obra freudiana, qual é a centralidade do complexo de Édipo? A centralidade do Édipo na obra de Freud é muito menor do que nos apresenta o folclore psicanalítico (Mezan, 1982, p. 199; Simanke, 2009, p. 187), e que a própria teoria deleuzo-guattariana nos coloca. Mas, os dois filósofos estavam cientes disso, aponto de afirmarem que “Laplanche e Pontalis notam que Freud descobre o complexo de Édipo em 1897 na sua autoanálise, mas que o formula teoricamente apenas em 1923, em O eu e o isso; e que, nesse entretanto, Édipo tem uma existência sobretudo marginal, isolado, por exemplo, num capítulo à parte sobre a escolha de objeto na puberdade (Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade) ou sobre os sonhos típicos (Interpretação dos Sonhos)” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 76). Este é o papel do complexo de Édipo, um papel marginal, porém popularizado, agigantado pelo folclore psicanalítico e pela cultura popular que perpassa tanto uma diversidade de manuais como filmes de grande circulação.

Além disso, o termo “complexo de Édipo”, tão-somente, aparece na obra freudiana em 1910, no texto Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. Contudo, dizer que o termo é empregado em tal obra não é o mesmo que haver uma conceituação forte do mesmo. Existe uma diferença entre empregar uma palavra ou uma noção no texto e transformá-la e usá-la como um conceito. É apenas em 1923, no texto O eu e o id, que há uma conceituação forte do complexo de Édipo fazendo conexões com outros conceitos. Esta estruturação do complexo de Édipo e sua utilização é bastante temporária, posto que, depois desta obra, o complexo de Édipo sofre um efeito de rarefação, perdendo sua centralidade. Mas parece que os leitores de Freud passam a ler a obra dele com o conceito de complexo de Édipo como ponto basilar, tanto que encontramos uma leitura edípiana da obra de Freud antes de 1923 e uma leitura edípiana de Freud após 1923.

Poderíamos dizer que o complexo de Édipo na obra freudiana tem uma existência marginal até a obra O eu e o id, de 1923, e sofre um efeito de rarefação conceitual depois desta publicação, perdendo a sua centralidade. Com a publicação d’O eu e o id há uma popularização do conceito de complexo de Édipo, este conceito se torna o folclore da psicanálise como, também, uma parte ossificada da teoria psicanalítica. Devido a este efeito, pode-se afirmar que há uma leitura retrospectiva de Freud, como se o centro de sua obra fosse O eu e o id, e nesta obra se encontrasse o sumo da psicanálise. Por isso, lê-se, geralmente, toda a obra freudiana como se o complexo de Édipo estivesse nela explicitamente ou de forma embrionária. Trata-se de procurar o bacilo do complexo de Édipo em toda a extensão da obra freudiana, mesmo que este conceito tenha a sua própria genealogia e, talvez, até mesmo um determinado abandono, por parte do seu autor.

A respeito da leitura de Deleuze e Guattari do complexo de Édipo é necessário colocar que este conceito não seria uma criação de Freud; antes, Freud encontra a situação edípica e as subjetividades edípicas na sociedade e dá voz a elas. N’O anti-Édipo há uma longa argumentação antropológica neste sentido, que perpassa a máquina social primitiva, a máquina social despótica e, por fim, a máquina social capitalista. É somente nesta última que encontraríamos Édipo como ele é concebido pela psicanálise. Para os autores, trata-se do familismo, onde todas as coordenadas de identificação são segregadas e atadas à figura paterna ou materna (relação biunívoca), aliadas à importância que se apresenta ao capitalismo como limite interior, como reprodução de indivíduos devido ao capital.

Todos estes apontamentos a respeito da crítica deleuzo-guattariana e da obra freudiana nos levam para outros territórios teóricos, envolvendo-nos em outras problemáticas e, até mesmo, fazendo com que revejamos uma variedade de autores contemporâneos que abordam tais temáticas (ver, principalmente, Rodolfo, 2008; Baremlitt, 2010; Bolle, 2010; Haute & Geyskens, 2012). Esta temática nos conduz especialmente para uma filosofia da psicanálise, a possíveis interpolações entre estes saberes.

Assim sendo, nesta breve análise d'O anti-Édipo apontamos a possibilidade de revisar a obra freudiana, agora não pelo viés do complexo de Édipo para ver a sua potencialidade teórica e prática (ver, ademais, Rodolfo 2008; Rico 2013; Haute & Geyskens, 2012). Com relação aos filósofos, é possível retornarmos ao texto deleuzo-guattariano e vemos até que ponto existe a criação de um conceito filosófico de complexo de Édipo e não um conceito estritamente psicanalítico. Trata-se de uma crítica filosófica feroz ao capitalismo que, também, tem a psicanálise como temática.

E se apontamos a filosofia da psicanálise no final deste texto é para pensarmos o poder e a necessidade de um bom diálogo entre estes saberes e vislumbrarmos suas possibilidades práticas e teóricas. Temos em mente uma relação forte com estes saberes e percebemos como a maquinaria filosófica ou psicanalítica, como a maquinaria freudiana ou deleuzo-guattariana têm os seus ecos na prática: seja no âmbito do consultório, ou ainda, na esfera do capitalismo. Lembrando que o segundo já abarca o primeiro.

Referências

- Baremlitt, Gregório. (2010). *Introdução à esquizoanálise*. Belo horizonte: Editora fundação Gregório Baremlitt.
- Bolle, L.D. (2010). *Philosophical Essays on Deleuze's debate with Psychoanalysis*. Leuven: Leuven University Press.
- Buchanan, Ian. (2008). *Deleuze and Guattari's Anti-Oedipus*. New York: Continuum.
- Davi-Ménard, Monique. (2014). *Deleuze e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- Deleuze, Gilles. (2010). *A Ilha Deserta*. São Paulo: Iluminuras.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. (2010). *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34.
- Dosse, François. (2010). *Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada*. Porto alegre: Artmed.
- Ferry, Luc. (1988). *Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo*. São Paulo: Ensaio.
- Foucault, Michel. (2009). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Foucault, Michel. (2012). *História da loucura: na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva.
- Freud, Sigmund. (2011). O eu e o Id. In *Obras completas, volume 16. O eu e o Id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Guattari, Félix. (2012). *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34.
- Haute, Van Philippe; Geyskens, Tomas (2012). *A non-oedipal psychoanalysis: a clinical anthropology of hysteria in the works of Freud and Lacan*. Belgica: Leuven University press.

- Leopoldo, R. (2015). Vigilância líquida: variações sobre o panoptismo. *Sapere Aude*, 6(12), p. 894-902. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/viewFile/11261/9115>. Acessado: 3 de outubro de 2018.
- Leopoldo, R. (2016). Máquina social capitalista: mais escravo do que o último dos escravos. *Revista Fermentario*, 1(10). Disponível em: <http://www.fermentario.fhuce.edu.uy/index.php/fermentario/article/view/237/316>. Acessado: 3 de outubro de 2018.
- Leopoldo, Rafael. (2017). *Teoria queer e micropolítica: questões para o ensino médio*. Rio de Janeiro: Multifoco.
- Mezan, Renato. (1982). *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva.
- Rico, F. (2013). Transitivity: producing Rhizome amid Winnicott, Guattari and Deleuze. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), p. 510-518. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000300005. Acessado: 3 de outubro de 2018.
- Rodrigues, H. B. C. (2005). “Sejamos realistas, tentemos o impossível”. Desencaminhando a psicologia através da análise institucional. In. Ana Maria Jacó-Vilela; Arthur Arruda L. Ferreira; Francisco T. Portugal. (orgs). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau.
- Rodulfo, R. (2008). El psicoanálisis de nuevo elementos para la deconstrucción del psicoanálisis tradicional (No. 159.964. 2 150.195). e-libro, Corp. Eudba.
- Sáez, Javier. (2004). *Teoría Queer y psicoanálisis*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Sáez, Javier; Carrascosa, Sejo. Pelo cu: políticas anais. Trad.Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento (2017).
- Simanke, R. T. (2009). *A formação da teoria freudiana das psicoses*. São Paulo: Loyola.

•Submetido em: 13/03/2017

•Aprovado em: 07/08/2018